

# f

## FAUUSP HOMENAGEIA O ARQUITETO CHICO WHITAKER

190

pós-

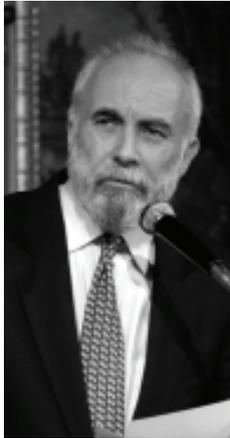


Deputada Célia Leão; secretário da Habitação, Lair Alberto Soares Krähenbühl; vice-reitor, Franco Maria Lajolo; o homenageado, Francisco Whitaker Ferreira; diretor da FAUUSP, Sylvio de Barros Sawaya; vice-diretor, Marcelo de Andrade Romero; e o Prof. Dr. Antonio Cláudio Moreira e Moreira (contemporâneo de Chico Whitaker)

Crédito: Fotos de Cândia Maria Vuolo



Em 14 de março de 2007, no Edifício Vilanova Artigas, por ocasião da aula inaugural do curso de graduação, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo prestou uma homenagem a Francisco Whitaker Ferreira, Chico Whitaker, como é conhecido, pelo prêmio de honra do Right Livelihood Award, o Nobel Alternativo. A aula contou também com a participação da deputada estadual Célia Leão e do secretário de estado da Habitação, Lair Alberto Soares Krähenbühl. No evento, Chico Whitaker participou da mesa de discussões e falou, dentre outros assuntos, da importância do prêmio para o Brasil e para todos os que buscam um mundo mais justo, o “outro mundo possível”. O curso de pós-graduação da FAUUSP, com sede no Edifício Vila Penteadado, também fez sua homenagem ao arquiteto no dia 27 do mesmo mês.



Chico Whitaker na cerimônia de entrega do prêmio  
Crédito: Foto do arquivo do autor

Discurso, na íntegra, lido na cerimônia de outorga do prêmio da Fundação por uma Vida Justa, em 8 de dezembro de 2006, no Parlamento Sueco, em Estocolmo

*“Meus caros amigos e amigas,*

*‘Há muito mais gente do que se pensa, no mundo, querendo mudar as coisas. O que precisamos é multiplicar os modos e as ocasiões de unirmo-nos.’*

*Fiz essa afirmação pela primeira vez em 1992, em uma campanha eleitoral. Mas vinha construindo essas certezas desde muito tempo. A primeira – somos muitos para mudar o mundo – foi sempre um estímulo para mim. A segunda – construir a união – um permanente desafio, carregado tanto de alegrias como de tristezas.*

*O prêmio, que tenho hoje a honra de receber, tem muito a ver com minha atual confiança na possibilidade de vencermos esse desafio. Se ele me foi concedido por todo o meu itinerário pessoal, seguramente pesaram bastante, nessa decisão, os últimos sete anos, em que participei intensamente do processo do Fórum Social Mundial, marcado exatamente pela busca da união da qual precisamos. Não é por acaso que fui indicado para esse prêmio por indianos os quais participam desse processo.*

*Fui despertado para a questão social na década de 1950. Um teólogo abriu os olhos de minha geração de jovens estudantes católicos para o que seria uma das mais graves ofensas ao Deus-amor: a **omissão** diante da miséria e da opressão. Vivendo em um país extremamente desigual – como até hoje é o Brasil – não podíamos senão tentar responder, de alguma forma, a essa provocação.*

*A tarefa era, no entanto, enorme – e continua sendo. No Terceiro Mundo são tantos e tantos os que vivem em condições subumanas! Em toda parte crescem as desigualdades, surgem novos ódios e novas guerras sempre brutais, grandes riquezas se acumulam concentradas em poucos países e em poucas mãos. Está gravemente ameaçada a continuidade da vida na Terra. E tudo isso acontece ao mesmo tempo em que aumentam exponencialmente os conhecimentos e os instrumentos da humanidade para resolver esses problemas.*

*Essa contradição se explicou melhor para mim ao trabalhar em um projeto de intercomunicação de experiências de luta contra a opressão pelo mundo afora, depois de ter sentido de perto a violência do golpe militar contra Salvador Allende no Chile. Percebi que o poder do qual todos dispomos – muito ou pouco, em diferentes tipos e formas – pode ser exercido tanto para **dominar** como para **servir**. Para dominar mantemos a dependência de quem precisa dos recursos que controlamos. Ao mesmo tempo aumentamos esses recursos e nosso controle sobre eles. Para servir, agimos de forma exatamente oposta: libertamos da dependência quem precisa desses recursos, fazendo com que cedam a eles com cada vez maior autonomia. O poder usado para dominar aumenta sempre, mas **isola** quem o detém. O poder usado para servir resulta na construção de outro tipo de poder:*

um **poder-conjunto**, compartilhado solidariamente por todos maiores do que o poder isolado, o qual cada um de nós detinha.

Sem dúvida, o poder-dominação se situa ainda no mundo da **barbárie**, uma vez que não hesita em usar a violência para se impor; enquanto o poder-conjunto, nascido do poder-serviço, situa-se plenamente no processo **civilizatório** que, apesar de tudo, a humanidade vem vivendo. Mas infelizmente, o que ainda prevalece nas relações entre os seres humanos é o exercício do poder-dominação, até entre os que lutam pela justiça: em suas relações não é sempre constatada a reciprocidade própria ao poder-serviço, mas sim a luta por hegemonia, própria ao poder-dominação.

Percebi com mais clareza, em seguida, como o dinheiro nos domina, chegando a escravizar-nos. Sabemos todos como a humanidade o criou, ao longo de séculos, para facilitar nossas trocas, na interdependência inelutável em que vivemos. Ele acabou, no entanto, libertando-se de seus criadores. Mas não podia construir conosco nenhum poder solidário porque era unicamente um instrumento, impessoal e frio. Ao contrário, ganhando vida própria, o dinheiro aumentou sua autonomia e reduziu a nossa, tornando-se imprescindível para atendermos às nossas necessidades e até enfrentar nossos medos e angústias. Exigindo que o servíssemos para se acumular sempre mais, tornou-se central na atividade humana. Tudo, até a vida, passou a ter valor somente se pudesse ser medido e trocado por dinheiro. Seu poder foi se concentrando, tornando-se cada vez mais absoluto e mesmo cruel, e empurrando-nos para a ganância e a corrupção.

Sabemos todos, também, que o motor da acumulação do dinheiro é a **lógica competitiva** – uma competição sem tréguas que só termina com a submissão ou mesmo a eliminação do concorrente, como em uma guerra. Ora, a dominação que o dinheiro exerce sobre nós fez com que sua lógica invadisse nossos comportamentos: estamos sempre nos enfrentando uns aos outros, na luta por obter o que precisamos ou queremos. Pior: essa lógica penetrou, de forma insidiosa, até na atividade política, a qual, em princípio, existe para buscar o bem comum, embora tenha sido sempre marcada pela luta pelo poder. Nela se impôs, então, a competição permanente e a relação vencedor-vencido, própria ao poder-dominação, em vez da co-responsabilidade própria ao poder-serviço.

Ao começar a participar do processo do Fórum Social Mundial, dei-me conta de sua potencialidade para enfrentar essa lógica malsã. Ele foi criado como **espaço aberto** na busca de alternativas para a superação do capitalismo autoritário – hoje chamado de neoliberalismo – a estruturar a dominação e a exploração dos seres humanos pelo dinheiro. Mas a experiência da humanidade nas últimas décadas levantou, já de início, outras exigências: era preciso superar o capitalismo autoritário sem cair em totalitarismos ou novos tipos de autoritarismo. As frustrações políticas do século que terminava exigiam novos caminhos. Mais do que a simples democracia representativa, era preciso ampliá-la rumo a uma sociedade de cidadãos ativos, sujeitos solidários de seus destinos pessoais e coletivos. Procurou-se, então, fazer com que os fóruns criassem condições para essas buscas, substituindo, em sua dinâmica, a lógica competitiva pela lógica da **cooperação**, como valor básico de ‘um outro mundo possível’, e adotando, na organização das atividades que neles se realizassem,



Créditos: Fotos de  
Cândida Maria Vuolo

a **horizontalidade** própria às redes, em vez das pirâmides as quais instauram a competição.

Nessa perspectiva foi formulada, depois do primeiro fórum realizado em Porto Alegre em 2001, uma carta de princípios para orientar os seguintes. Fomos, então, convidados a multiplicar a auto-organização de espaços nos quais movimentos sociais, ONGs e sindicatos pudessem reconhecer-se mutuamente, superando barreiras e preconceitos e construindo uma sociedade civil que se assumisse como novo ator político, independente de governos e partidos. Esperava-se com isso que tais espaços facilitassem a aprendizagem mútua na não-diretividade das relações, como escolas de novas práticas políticas em que a **disputa**, tradicional na ação política, fosse substituída por uma atitude de **escuta**, respeitosa da **diversidade** – valor igualmente fundamental em uma sociedade nova. Passando a ser importante procurar a verdade contida nas posições dos outros, nossos desacordos poderiam, assim, deixar de dividir-nos para se tornarem uma base fecunda a fim de construir consensos, identificar convergências e criar articulações para uma maior eficácia de nossas ações, na alegria da criação. Tudo isso exigindo, naturalmente, profundas **mudanças dentro de cada um de nós**, em um longo e permanente processo de reeducação na solidariedade e na resistência à dominação, que nos faria a todos mais felizes.

Com o surgimento, em todo o mundo, de fóruns procurando, dentro do possível, realizar esses objetivos, fui me firmando na certeza de poder-se construir, por mais trabalhoso que seja, a união de que precisamos para mudar efetivamente o mundo.

Preciso dizer muito obrigado a todos, familiares, amigos, companheiros, que me levaram a chegar a essa certeza e a encontrar-me, no dia de hoje, entre os que criaram e asseguram a atuação da Fundação por um Modo Justo de Viver – não-escravizado pelo dinheiro – e, entre os demais premiados por ela, por sua ‘coragem e esperança em um mundo desesperado’. Acredito poder agradecer também em nome de todos que se sentiram recompensados e estimulados pela outorga desse prêmio – entre os muitos deste mundo os quais ‘querem mudar as coisas’.

O que espero agora é poder colocar a visibilidade a qual me está sendo dada a serviço de um maior conhecimento e compreensão da grande aventura humana do Fórum Social Mundial, rumo ao ‘outro mundo possível’, que vem se tornando cada vez mais necessário e urgente. E peço a Deus energia para continuar participando desse esforço civilizatório, que tem ainda uma longa e difícil estrada pela frente.”

---

#### **Francisco (Chico) Whitaker Ferreira**

Um dos iniciadores do processo Fórum Social Mundial, ex-vereador em São Paulo, membro da Comissão Brasileira de Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), prêmio de honra do Right Livelihood Award.  
e-mail: [intercom@cidadania.org.br](mailto:intercom@cidadania.org.br)